



Branquitude & EREER

Diálogos Possíveis

**E-BOOK FORMATIVO COM ROTEIROS
DE DIÁLOGO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

Descrição Técnica do Produto

Autoria: Luana Carla Bernardo e Cleyde Rodrigues Amorim

Nível de Ensino a que se destina o produto: Educação Básica.

Área de Conhecimento: Educação.

Público-alvo: Professoras e professores, gestoras e gestores, técnicas e técnicos das secretarias estaduais e municipais, e demais profissionais envolvidos na formação docente para a Educação das Relações Étnico-Raciais [ERER].

Categoria desse produto: E-book formativo.

Finalidade: Subsidiar diálogos qualificados sobre branquitude na formação de professoras e professores para a ERER.

Organização do Produto: O produto contém capa, descrição técnica, catalogação, descrição do currículo das autoras, sumário, mensagem às leitoras e aos leitores contextualizando sua elaboração, metodologia e conceitos para diálogo com professores/as.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Digital e/ou impresso.

URL: Página do PPGPE: www.educacao.ufes.br

Validado: Validado pela banca de defesa da dissertação composta pela Profa. Dra. Débora Cristina de Araujo e pelo Prof. Dr. Aldieris Braz Amorim Caprini.

Processo de Aplicação: O material irá subsidiar diálogos qualificados sobre branquitude na formação de professoras e professores em ERER.

Impacto: Alto.

Inovação: O caráter inovador do produto reside na sistematização, em formato de e-book, de roteiros formativos inspirados nos Círculos de Diálogo, que articulam de maneira estruturada conceitos dos Estudos Críticos da Branquitude à formação docente para a ERER.

Origem do Produto: Dissertação intitulada "A BRANQUITUDE NA FORMAÇÃO EM ERER PARA PROFESSORES/AS DA REDE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO".

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado
de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Bernardo, Luana Carla, 1985-B518b

Branquitude e ERER: **Diálogos possíveis / Luana Carla Bernardo.** - 2026.
24 p.: il.

Orientadora: **Cleyde Rodrigues Amorim.**

Produto Técnico-Tecnológico [Livro] [Mestrado Profissional em Educação] -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Branquitude. 2. Relações Étnico Raciais. 3. Antirracismo. 4. Formação de professores/as. I. Amorim, Cleyde Rodrigues. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

Sobre as Autoras

Luana Carla Bernardo é Mestra no Programa de Pós-graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), graduada em Pedagogia [2020] pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e atua como Pedagoga na rede estadual do Espírito Santo.

• email: lcb3012@gmail.com



Cleyde Rodrigues Amorim é doutora em Antropologia [USP], com pós-doutorado em Antropologia e Educação [USP]. Docente e pesquisadora na UFES junto ao Departamento de Educação, Política e Sociedade, ao Programa de Pós-graduação em Educação e ao NEAB. Produz conhecimentos em Educação das Relações Étnico-Raciais com Povos Tradicionais de Matriz Africana e com Religiões Afro-brasileiras.

• email: cleyde.amorim@ufes.br



SUMÁRIO

Mensagem às leitoras e aos leitores

• Página - 05

Metodologia

• Página - 06

Conceitos em Diálogo

• Página - 09

1. Estudos Críticos da Branquitude

• Página - 10

2. Supremacia Branca

• Página - 12

3. Pacto Narcísico da Branquitude

• Página - 13

4. Branquitude crítica e Branquitude acrítica

• Página - 14

5. Ignorância Branca

• Página - 16

6. Fragilidade Branca

• Página - 17

7. Apropriação Cultural

• Página - 20

Referências

• Página - 22

Agradecimento

• Página - 23

Mensagem às leitoras e aos leitores



Prezadas professoras e professores, gestoras e gestores, técnicas e técnicos das secretarias estaduais e municipais, e demais profissionais envolvidos na formação docente para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), este material foi pensado como um apoio às práticas formativas, podendo ser utilizado em aulas, formações continuadas, rodas de conversa, círculos de diálogo e palestras que tenham a branquitude como eixo de reflexão e debate.

O tema branquitude é um dos elementos centrais no debate sobre a ERER. À medida que esse debate se amplia e se consolida, passa a dialogar com diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Comunicação e a Educação.

A branquitude na formação continuada foi tema da dissertação de mestrado intitulada “A BRANQUITUDE NA FORMAÇÃO EM ERER PARA PROFESSORES/AS DA REDE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. As análises realizadas na dissertação evidenciaram a necessidade de aprofundar conceitos relacionados à branquitude e de fomentar espaços de diálogo entre pares, considerando o caráter predominantemente online e autoinstrucional das formações ofertadas pela rede. Diante dessas constatações, elaboramos este produto educacional com o objetivo de subsidiar diálogos qualificados sobre branquitude na formação de professoras/es para a ERER.

Este material foi elaborado por nós, uma mulher negra e uma mulher branca, que compartilhamos o compromisso com a educação antirracista, ainda que partamos de lugares sociais e experiências diferentes. Essas diferenças atravessam tanto a construção deste material quanto às orientações que apresentamos para seu uso, pois entendemos que o lugar social de cada pessoa influencia a forma como se compreende e se enfrenta o racismo no cotidiano educacional.

A partir dos estudos sobre branquitude e das reflexões desenvolvidas ao longo da dissertação, recomendamos que a condução dos diálogos seja realizada por uma pessoa racialmente identificada como branca. Tal recomendação baseia-se na compreensão de que o enfrentamento ao racismo passa, necessariamente, pela análise crítica de sua própria racialidade. Quando a iniciativa parte de alguém situado nesse lugar racial, cria-se um ambiente mais favorável a processos formativos consistentes, contribuindo para romper com a lógica que historicamente atribui às pessoas negras a responsabilidade de falar sobre esse tema.

Outra recomendação diz respeito ao percurso formativo de quem conduzirá os diálogos propostos. Consideramos desejável que a/o profissional tenha realizado a leitura da dissertação que o originou, bem como tenha participado de processos formativos no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais e do letramento racial¹, de modo a dispor de repertório teórico e reflexivo suficiente para sustentar discussões sensíveis e complexas sobre branquitude.

Por fim, esperamos que este material contribua para a construção de conversas honestas, responsáveis e comprometidas com a reeducação das relações raciais, possibilitando que desconfortos sejam elaborados como aprendizado e que os diálogos se convertam em alianças concretas na luta antirracista.

Luana Carla Bernardo

Cleyde Rodrigues Amorim

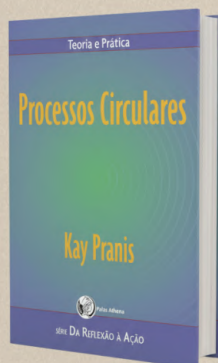


¹ Para as/os profissionais da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo [SEDU/ES], a formação Letramento Racial é ofertada anualmente. Para profissionais de outras redes e de outros estados, os livros digitais que compõem essa formação estão disponíveis gratuitamente no site do currículo do Espírito Santo.

METODOLOGIA

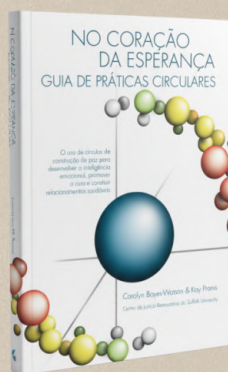
A proposta metodológica que orienta os diálogos deste material é inspirada nos Círculos de Construção de Paz. Essa prática foi sistematizada pela escritora e professora Kay Pranis e tem como base o ato de reunir-se em círculo para tratar de questões importantes para o grupo, uma atividade comum na história de muitas comunidades tradicionais. As terminologias utilizadas para diferenciar os tipos de círculo estão relacionadas à função de cada um. No círculo de diálogo, por exemplo, o grupo se dedica a explorar um tema específico, ouvindo diferentes pontos de vista e refletindo coletivamente sobre eles (Pranis, 2010, p. 15-31).

Os círculos apresentam grande flexibilidade metodológica, podendo ser adaptados a diferentes contextos e finalidades. Cabe à pessoa responsável



pela condução do diálogo avaliar e definir as estratégias mais adequadas às características e às necessidades do grupo (Boyes-Watson; Pranis, 2011, p. 14-15).

Indicamos, para quem deseja um aprofundamento, a leitura das obras Teoria e Prática dos Processos Circulares, de Kay Pranis, e No Coração da Esperança, de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis — esta última disponível gratuitamente em formato digital. Neste produto educacional, apresentamos sugestões de Círculos de Diálogo inspiradas nesses referenciais. O e-book não tem como objetivo formar facilitadoras/es de círculos, mas oferecer subsídios para a realização de diálogos orientados por essa metodologia. Por essa razão, antes da apresentação dos Conceitos em Diálogo, explicitamos alguns elementos centrais dos processos circulares que fundamentam as propostas aqui apresentadas.



Preparando o encontro

- **Saiba sua função como facilitador/a:** Receber as/os participantes. Cuidar da qualidade do espaço coletivo, criando um ambiente seguro, respeitoso e acolhedor para o diálogo. Seu papel é participar do processo compartilhando experiências e estimulando reflexões.

- **Conheça o grupo:** Sugerimos a elaboração de um formulário (por exemplo, no Google Forms) com questões que permitam identificar os conhecimentos prévios, percepções e experiências do grupo sobre o tema e, assim, subsidiar o planejamento da discussão.

- **Estude o conceito que será discutido:** Os conceitos podem ser trabalhados na sequência proposta ou acionados e adaptados de acordo com as necessidades identificadas em determinados momentos, demandas ou situações específicas vivenciadas pela escola ou pelo grupo.

- **Convide para o encontro:** Recomendamos que as/os profissionais sejam convidadas/os com antecedência, evitando abordagens inesperadas. A comunicação prévia sobre a realização do encontro e sobre o tema a ser discutido contribui para a preparação das/os participantes e para um envolvimento mais consciente e qualificado no processo formativo.



No dia do encontro



Prepare o espaço: Chegue uns minutos antes para organizar o ambiente e verificar o funcionamento dos recursos necessários, como datashow e notebook. Além disso, é importante garantir a disposição do espaço em círculo e a disponibilidade de cadeiras suficientes, de modo a favorecer a interação, a escuta e a participação.

Durante o encontro

Combinados do grupo: No início do encontro, estabeleça acordos coletivos que orientem a participação no círculo, como falar a partir da própria experiência, exercitar a escuta atenta enquanto outra pessoa estiver com a palavra e comprometer-se a permanecer no círculo até o encerramento do diálogo. Esses combinados contribuem para a criação de um espaço seguro, respeitoso e comprometido com o processo coletivo.

Condução do roteiro: Apresente ao grupo o objetivo da discussão e introduza as questões iniciais, que têm a função de mobilizar as primeiras reflexões. No momento de aprofundamento do debate, utilize os dispositivos disparadores sugeridos, articulando-os à fundamentação teórica do conceito em pauta. O encontro é finalizado com uma questão que aproxima o debate do fazer docente, favorecendo a reflexão sobre implicações práticas no contexto escolar.



Propostas de aplicação em contextos formativos da rede estadual

As propostas de diálogo deste e-book formativo foram pensadas a partir do funcionamento da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo. Por isso, o material foi organizado para ser utilizado em momentos já previstos na rotina das escolas, como a Jornada de Planejamento Pedagógico (JPP), que ocorre geralmente no início e no meio do ano letivo, e também nos encontros semanais de reunião por área de conhecimento. Na rede estadual, esses encontros acontecem às terças-feiras com a área de Ciências Humanas, às quartas-feiras com Ciências da Natureza e Matemática, e às quintas-feiras com a área de Linguagens. Esses espaços são compreendidos como oportunidades importantes para o diálogo coletivo, a reflexão e o fortalecimento das práticas pedagógicas no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais.

Percursos formativos que nos inspiraram

Considerando que não foi possível realizar a aplicação prévia deste produto educacional, optamos por fundamentar sua elaboração em materiais e experiências formativas já consolidadas. Esses referenciais oferecem sustentação metodológica, pois resultam de práticas testadas, avaliadas e reconhecidas por sua efetividade em processos formativos sobre relações raciais.



Diálogos Inter-Raciais: Guia para Rodas de Conversa é um material educativo elaborado a partir da realização de 32 rodas de conversa com diferentes públicos. Os roteiros de facilitação que o compõem foram testados, avaliados e aprimorados ao longo desses encontros. O material foi idealizado pelo Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas [NEABI] do Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba.


Clique
aqui e
acesse
esse
material



A Dissertação e o produto educacional da Viviane Basilio de Souza Lauriano tiveram como base a utilização de metodologia dos Círculos de Construção de Paz como estratégia para o trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais. Por meio de uma pesquisa-ação, a autora realizou encontros formativos com profissionais da educação básica, evidenciando o potencial dos círculos para favorecer o diálogo, a escuta e a formação antirracista.


Clique
aqui e
acesse
esse
material



O livro da ativista Layla Saad (2020) é baseado em um desafio que ela propôs como um percurso formativo organizado em 28 dias, no qual pessoas com privilégio branco são convidadas a refletir criticamente sobre suas práticas racistas. A obra articula exercícios de autorreflexão com contextualizações históricas e culturais, relatos pessoais e exemplos concretos, incentivando a responsabilização individual no enfrentamento ao racismo


Clique
aqui e
saiba mais
sobre a
autora



Conceitos *em* Diálogo

1. Estudos críticos da branquitude



Objetivo da discussão: Compreender a branquitude como categoria de análise racial, deslocando a ideia de que apenas pessoas negras “têm raça”.

Questão para iniciar: Quando pensamos em “raça”, qual ou quais pessoas nos vêm à mente?

:: Aprofundando o Debate ::

No vídeo ao lado, a pesquisadora Lia Vainer Schucman compartilha sua aproximação com os estudos críticos da branquitude durante sua pesquisa de doutorado e aponta como esse percurso teórico possibilitou compreender o funcionamento e a construção social dos privilégios simbólicos e materiais da branquitude no contexto da sociedade brasileira.



Clique aqui e acesse esse material

Porque queremos olhos azuis? | Lia Vainer Schucman | TEDxSaoPauloSalon

Os Estudos Críticos da Branquitude têm como um de seus antecedentes, no Brasil, as reflexões de Alberto Guerreiro Ramos, que, em *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957), questiona abordagens das ciências sociais que tratavam a questão racial apenas como um “problema do negro” e defende o deslocamento do olhar analítico para o branco enquanto objeto de estudo. Essa perspectiva dialoga com contribuições de intelectuais como W. E. B. Du Bois e Frantz Fanon e foi sistematizada, a partir do final dos anos de 1980, no campo da Teoria Crítica da Raça. No contexto brasileiro, Lia Vainer Schucman e Willian Luiz da Conceição (2023, p. 54) sintetizam elementos centrais desse campo ao afirmarem que:

“a branquitude é uma categoria racial particular que se apresenta ‘falsamente’ como universal [...], como se fosse uma identidade racial nacional ‘neutra’ e normativa; a branquitude se construiu historicamente a partir da falsa ideia de superioridade racial branca; a branquitude é uma posição de vantagem que produz privilégios materiais e simbólicos nas sociedades estruturadas pelo racismo; a branquitude é uma categoria relacional e seus significados variam conforme a localidade e seus processos históricos.”



Questão para finalizar: O que muda nas práticas pedagógicas quando a branquitude passa a ser nomeada e analisada?



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar

Faça a trilha **O que é Branquitude?** no site do projeto A cor da cultura



Clique aqui e
acesse esse
material

Leia o artigo **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana** de Lia Vainer Schucman



Clique aqui e
acesse esse
material

Leia o **Glossário de termos sobre branquitude e relações raciais**



Clique aqui e
acesse esse
material

Acompanhe a plataforma do **Observatório da Branquitude**, uma organização da sociedade civil focada na análise crítica do poder da branquitude.



Clique aqui e
acesse esse
material

2. SUPREMACIA BRANCA



Objetivo da discussão: Explorar as expressões da supremacia branca no nível individual.

:: Aprofundando o Debate ::

Questões para iniciar: Você acharia estranho se o Jornal Nacional fosse apresentado por uma dupla de negros? Se algum ministério do governo federal fosse inteiramente ocupado por negros ou se os onze juízes do Supremo Tribunal Federal fossem todos negros? Por que essa estranheza não ocorre quando todos esses papéis são ocupados por brancos? Por que essa situação de extremo desequilíbrio é vista com naturalidade? (Loras; Oliveira, 2021).

A **supremacia branca** é um sistema de valores, práticas e pressupostos, que sustenta a ideia de superioridade branca e organiza as relações sociais de forma hierarquizada, muitas vezes de modo implícito e naturalizado. Com frequência, esse conceito é associado apenas a grupos extremistas, como nazistas ou membros da Ku Klux Klan, o que limita sua compreensão às expressões explícitas de violência. Essa associação restrita dificulta o reconhecimento de como a supremacia branca também opera no cotidiano, atravessando ideologias, práticas e visões de mundo consideradas “normais”. (Diangelo, 2018, p. 52-58)

De modo geral, não fomos socializados para refletir e, muito menos, para conversar sobre como crescemos condicionados à ideia de superioridade branca, pois esse processo ocorre de forma “naturalizada”. Isso se expressa, por exemplo, em currículos que narram a história a partir do viés branco, destacando suas “descobertas”, “conquistas”, “revoluções” (Saad, 2020, p. 68-74).

Ao organizar a sociedade a partir desses parâmetros, a supremacia branca produz condições de proteção, acesso e valorização para a população branca, ao mesmo tempo em que gera negligência sistemática em relação à população negra. Essa lógica se traduz em desigualdades concretas que expõem pessoas negras a contextos de maior vulnerabilidade social, pobreza e morte. Quando não reconhecemos a supremacia branca nessas dimensões sutis, mas estruturais, deixamos de nos preparar para identificá-la, questioná-la e enfrentá-la de forma mais efetiva.

Questões para finalizar: Que responsabilidades se colocam para pessoas brancas a partir dessa compreensão? Como essa reflexão pode impactar nossa atuação como educadoras/es no cotidiano escolar?



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar

Assista ao vídeo **Como você enxerga o racismo?** Uma campanha lançada pelo Governo do Paraná em 2016.



Clique aqui e acesse esse material

Leia o artigo **Mérito e mito da democracia racial** de Lia Vainer Schucman e Willamys da Costa Melo



Clique aqui e acesse esse material

3. Pacto Narcísico da Branquitude



Objetivo da discussão: Compreender o conceito de pacto narcísicos da branquitude e como ele sustenta as desigualdades raciais.

Questões para iniciar: Quem tem força de vontade consegue chegar onde quiser. Você concorda ou discorda?

Peça que escrevam a resposta em um post-it e o coloquem em um quadro visível. Depois, pergunte quais fatores levaram em conta para responder a pergunta. Esse momento ajuda a perceber o que aparece e o que não é mencionado, abrindo espaço para a discussão sobre o tema.

:: Aprofundando o Debate ::

A doutora em psicologia Maria Aparecida da Silva Bento, a partir de sua experiência de trabalho em diferentes instituições, percebeu semelhanças na forma como essas organizações lidavam com questões de raça e gênero. Essas observações deram origem às suas pesquisas de mestrado e doutorado. Nesse percurso, ela elaborou o conceito de pacto narcísico da branquitude. No vídeo a seguir, a autora explica o conceito

Em sua tese, intitulada Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público, Bento (2002) analisou relatos de gestores e responsáveis pelos setores de recursos humanos. A partir desses relatos, a autora identificou que pessoas brancas tendem a se reconhecer e se identificar entre si, e que essa identificação se reflete em práticas cotidianas das organizações, como indicações para postos de trabalho, avaliações internas, promoções, demissões e na forma como lidam com pessoas negras em posições de poder.

A partir das formulações de Bento, é possível identificar o pacto narcísico da branquitude no ambiente escolar em diferentes situações: a temática racial é restrita ao mês da Consciência Negra; episódios de racismo entre estudantes são tratados como “brincadeira”; o racismo não é nomeado para não gerar tensão com as famílias ou com a equipe escolar; os projetos relacionados à temática racial são atribuídos, de forma recorrente, a docentes negros; o debate racial ocorre sem mencionar a responsabilidade branca na produção e manutenção das desigualdades.

Questão para finalizar: O que precisamos romper em nós mesmos para não reproduzir o pacto narcísico da branquitude?



Clique aqui e acesse esse material



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar



Leia o livro **O pacto da branquitude** de Cida Bento. Nele, a autora aborda o conceito e suas repercussões numa linguagem acessível e direta.



Clique aqui para acessar a tese da autora.



Assista ao episódio 8 da série documentário **Coleção Antirracista** produzido pelo Instituto Cultne. A discussão gira em torno da Branquitude VS Antirracismo e provoca pessoas brancas a utilizarem o seu poder para transformar as relações nos ambientes dos quais participam.



Clique aqui e acesse esse material

4. Branquitude Crítica e Branquitude Acrítica



Objetivo da discussão: Diferenciar a branquitude crítica da branquitude acrítica; evidenciar que a branquitude não é um dado imutável, mas um lugar social e político atravessado por escolhas, práticas e responsabilidades.

Questões para iniciar: Em sua prática docente, você já refletiu sobre como sua posição racial influencia suas escolhas pedagógicas?

:: Aprofundando o Debate ::

“Denominarei “branquitude crítica” àquela pertencente ao indivíduo ou ao grupo de brancos que desaprova publicamente o racismo. Em contraposição a essa perspectiva, nomearei “branquitude acrítica” a identidade branca individual ou coletiva que argumenta a favor da superioridade racial.”

(Cardoso, 2008, p. 178)

O sociólogo Lourenço Cardoso [2008, p. 177–180; 193] é um dos principais pesquisadores da branquitude no Brasil e aponta a branquitude como um tema emergente nos estudos sobre as relações raciais. Com base em suas formulações teóricas, o quadro a seguir sistematiza as principais configurações da **branquitude acrítica** e da **branquitude crítica**.



Eixo conceitual	Configuração	
	Branquitude acrítica	Branquitude crítica
Forma de organização e atuação	Em grupos de ultradireita, neonazistas e organizações como a Ku Klux Klan, que atuam publicamente na defesa da supremacia branca.	Não há uma preocupação em se afirmar como identidade racial coletiva, ainda que o pertencimento racial seja reconhecido de forma reflexiva.
Concepção de raça	Sustenta uma visão hierárquica das raças, na qual a superioridade branca é concebida como natural e inquestionável.	Compreendem a raça como construção social.
Autopercepção em relação ao racismo	Não se reconhece como racista, uma vez que a crença na superioridade branca é entendida como legítima.	Reconhecem o racismo como problema real e estrutural.
Relação com a violência racial	Tendem a acentuar seu traço racista podendo assumir formas extremas de violência, inclusive homicídios motivados por ódio racial.	Reconhecem a violência racial como fenômeno estrutural a ser enfrentado.

A partir das contribuições de Lourenço Cardoso sobre a branquitude crítica, entendemos que reconhecer a própria condição racial e os privilégios historicamente associados à branquitude é um aspecto central dessa perspectiva. Assim, pessoas brancas que desaprovam o racismo tendem a refletir sobre seu lugar racial, questionando as vantagens simbólicas e materiais das quais se beneficiam e reconhecendo que o enfrentamento ao racismo exige implicação ética e revisão de práticas.

Questão para finalizar: Em que ponto da caminhada antirracista você se reconhece hoje e quais passos ainda precisam ser dados para uma prática pedagógica comprometida com a equidade racial?



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar



Leia o livro **Como ser um educador antirracista** para conhecer as experiências da autora, a Dra. Bárbara Carine, atuando na formação de professoras/es. A obra também apresenta sua trajetória como idealizadora da primeira escola afro-brasileira do país, a Escola Maria Felipa.

Leia o artigo **[Não] Deu branco!** Uma declaração sobre a conveniência da branquitude, escrito por Joyce Souza Lopes, no qual a autora aciona os conceitos de branquitude crítica e branquitude acrítica para refletir sobre os desafios de forjar uma verdadeira democracia racial no Brasil.



Clique aqui e acesse esse material

Assista ao vídeo **Racismo não se combate com silêncio**, produzido com pessoas negras integrantes do Ministério Público da Bahia.



Assista ao vídeo **Antirracismo na prática**, onde a designer, empreendedora e escritora Gabi Oliveira conversa sobre seu livro “**Uma Atitude por Dia: Por um Mundo com Menos Racismo**”.



5.IGNORÂNCIA/BRANCA



Objetivo da discussão: Analisar a ignorância branca como um obstáculo à pluralidade de epistemologias e à construção de práticas educativas antirracistas.

Questões para iniciar: A Revolução do Haiti foi uma rebelião de pessoas escravizadas que destruiu a ordem escravista colonial derrotando o exército de Napoleão Bonaparte. O Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão e o segundo a proclamar sua independência. Apesar da magnitude desse acontecimento histórico, quantos de nós aprendemos sobre a Revolução do Haiti ao longo da escolarização? Por outro lado, quantos de nós estudamos detalhadamente a Revolução Francesa?

:: Aprofundando o Debate ::

**Enquanto os leões não contarem suas próprias histórias,
os caçadores serão sempre os heróis.**

Provérbio Africano

O filósofo Charles Wade Mills [2018, p. 423-435] chamou de ignorância branca não apenas aquilo que foi deliberadamente ocultado, mas também os conhecimentos aprendidos de forma distorcida e, ainda, aquilo que escolhemos não saber como estratégia de preservação de privilégios.

Outros apontamentos do autor são fundamentais para a definição do conceito de ignorância branca:

- Trata-se de um tipo específico de ignorância, associada a um fenômeno histórico, social e estrutural, diretamente vinculado ao racismo e à dominação racial.
- Pode existir sem má-fé consciente, na medida em que o próprio sistema se encarrega de apagar, silenciar ou distorcer fatos históricos, produzindo crenças socialmente compartilhadas [como a ideia de que pessoas negras não contribuíram para a produção do conhecimento científico ao longo da história].
- Não é exclusiva de pessoas brancas, pois pessoas negras também podem internalizar visões distorcidas da realidade produzidas e disseminadas pela branquitude.
- Além de identificar a ignorância branca, a elaboração do conceito orienta ao enfrentamento por meio de estratégias de combate e resistência.

Questões para finalizar: Quais desconfortos emergem quando percebemos que certos “vazios” do nosso conhecimento não são neutros, mas produzidos?



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar

Leia o artigo **Ignorância Branca** de Charles W. Mills.



Clique aqui e acesse esse material

Leia o livro **História Preta das Coisas** da professora Bárbara Carine para conhecer 50 Invenções Científico-tecnológicas de Pessoas Negras.



Clique aqui e saiba mais sobre a autora

Acompanhe o **Descolonize-se** no Instagram para ter acesso a conteúdo sobre educação e cultura negra.



Clique aqui e acesse esse material

Ouçá o podcast **Projeto Querino**, com 8 episódios sobre a história do Brasil a partir de um olhar afrocentrado.



Clique aqui e acesse esse material

Inclua no percurso formativo que você está promovendo, visitas a exposições, mostras culturais, museus, feiras científicas e eventos acadêmicos que aproximem o público de produções intelectuais, científicas e artísticas protagonizadas por pessoas negras, contribuindo para o enfrentamento da ignorância branca e a ampliação de referências não eurocentradas.



6. FRAGILIDADE BRANCA



Objetivo da discussão: Refletir sobre nossas reações emocionais associadas à fragilidade branca.



Questões para iniciar: Qual sentimento você percebe aflorar com mais força quando lê o título do livro da pesquisadora Robin DiAngelo? Você concorda ou discorda? Justifique.

:: Aprofundando o Debate ::

Assista ao vídeo O que é fragilidade branca apresentado pelo professor Dr. André Rabelo.

No vídeo, o professor apresenta um conceito que Robin DiAngelo [2018]² desenvolve com profundidade em sua obra. Em síntese, a fragilidade branca refere-se aos movimentos defensivos desencadeados pelo estresse racial que pessoas brancas vivenciam quando aquilo que lhes é familiar é interrompido.



Em quais situações a fragilidade branca se manifesta? Quais sentimentos ou reações emocionais costuma desencadear?

A partir da leitura da obra de DiAngelo, articulada às nossas interpretações e às experiências formativas na educação básica e na educação superior (uma como pedagoga da rede estadual e outra como professora universitária), elaboramos o quadro a seguir, que sintetiza contextos e reações associadas à fragilidade branca.

Situações nas quais a fragilidade branca tende a se manifestar	Reações emocionais
Quando pessoas negras se negam a explicar conceitos relacionados às relações étnico-raciais ou a relatar suas experiências raciais .	Irritação, raiva, ressentimento.
Quando pessoas brancas recebem feedback sobre comportamentos racistas.	Sentir-se atacada/o, com raiva, julgado/a, culpado/a, envergonhado/a.
Quando se sugere que ser branco orienta a forma como percebem o mundo.	Sentir-se julgado/a ou atacado/a.
Quando pessoas brancas são apresentadas a pessoas negras que ocupam posições hierárquicas superiores em contextos institucionais, por exemplo.	Desconforto, desprezo, questionamento da competência ou da legitimidade intelectual da pessoa negra.
Quando outras formas de pensar o mundo, fora do padrão eurocentrado, ganham visibilidade, destaque e reconhecimento.	Questionamento do valor científico de outras epistemologias.
Quando a branquitude passa a ser tematizada explicitamente nos debates sobre ERER.	Questionamento da validade dos conceitos, sente-se atacado/a, com raiva, julgado/a, culpado/a ou envergonhado.

O que torna a fragilidade branca particularmente nociva é sua capacidade de atuar silenciando discussões, trivializando o racismo ao classificá-lo como exagero ou “mimimi”, bloqueando processos de autorreflexão e reposicionando pessoas brancas no lugar de vítimas (DiAngelo, 2018, p. 145–149).

Uma vez identificadas as situações e as reações emocionais que emergem quando pessoas brancas têm seus comportamentos questionados ou suas posições de privilégio desafiadas, observamos que tais reações costumam vir acompanhadas de argumentos justificadores. Entre os mais recorrentes, destacamos:

- Eu também já sofri racismo;
- Não sou racista, tenho amigos negros;
- Essa é a sua opinião, eu não concordo;
- Você interpretou mal o que eu disse;
- Hoje em dia não se pode falar nada, tudo é racismo.
- Não preciso participar de mais formações sobre esse tema, pois já fiz um curso.

Como pessoas brancas podem superar suas fragilidades?

Em síntese, conforme argumenta DiAngelo [2018], o enfrentamento da fragilidade branca exige um deslocamento de foco: a ênfase não deve recair na tentativa de provar que 'não se é racista', mas no reconhecimento de como o racismo se manifesta nas práticas cotidianas e na disposição para romper os padrões que o sustentam.



² O título original do livro é *White Fragility: Why it's so hard for White people to talk about racism*, porém a versão a que tivemos acesso foi publicada pela Faro Editorial, com o título “**Não basta não ser racista: sejamos antirracistas**”.

Questões para finalizar: Quais situações, reações emocionais ou argumentos justificadores discutidos hoje você reconhece na sua prática profissional ou na sua trajetória pessoal? A partir deste debate, você identificou aspectos do seu planejamento de aula que podem ser revistos? De que maneira o reconhecimento da fragilidade branca pode orientar esse processo de revisão?



Outras sugestões para fazer
pensar e aprofundar

Leia a entrevista de
Robin DiAngelo à CNN.



Clique aqui e
acesse esse
material

7. APROPRIAÇÃO CULTURAL



Objetivo da discussão: Apresentar o conceito de apropriação cultural, mostrando como ele pode ser utilizado para discutir manifestações do racismo presentes na forma como culturas negras e indígenas são apropriadas, descontextualizadas e transformadas em mercadoria.

Questões para iniciar: Quando pensamos em apropriação cultural, costumamos olhar para atitudes individuais. O que muda quando deslocamos esse debate para instituições, mercados e relações históricas de poder?

:: Aprofundando o Debate ::



Imagem divulgada na internet para ilustrar o debate sobre Apropriação Cultural, cuja construção reforça leituras simplificadas e problemáticas sobre o tema. Autoria não identificada até o momento.

Para a elaboração desse roteiro de diálogo, as contribuições de intelectuais como o doutor em Antropologia Kabengele Munanga, a doutora em Letras Cíntia Paula Santos da Silva e o doutor em Ciências Sociais e babalorixá Rodney William foram fundamentais.

Apropriação cultural é um conceito composto por duas palavras que, articuladas, produzem seu significado. Para compreendê-lo, é necessário, inicialmente, refletir sobre o que se entende por cultura. Munanga (2017, p. 174-175) explica que:



A cultura não é somente música, dança, artes, religião, cinema, literatura. A ciência, a tecnologia e a educação, como veículo de transmissão do conhecimento, também são categorias de cultura.

Diz-se que os países que investiram maciçamente na educação de boa qualidade são os mais desenvolvidos hoje. Mas o desenvolvimento equilibrado é aquele que não degrada a natureza e não destrói a cultura de um povo, isto é, a sua visão do mundo e do universo, as suas religiões, a sua história e as suas tradições, embora tais tenham dinâmica própria.



A partir dessa definição, William [2019, p. 29] conceitua apropriação cultural nos seguintes termos:

“A apropriação cultural é um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos”.

Com base nessas formulações, entendemos que o conceito de apropriação cultural pode ser utilizado por educadoras e educadores comprometidos com a justiça racial, pois oferece subsídios para explicar e discutir as manifestações do racismo no espaço escolar.

O conceito de apropriação cultural pode ser útil para:

1) Nomear situações em que grandes corporações e instituições se apropriam de bens culturais que não lhes pertencem, transformando-os em fonte de lucro, sem que esse retorno alcance os povos e grupos que os produziram. Um exemplo são os artefatos africanos mantidos em museus europeus, riquezas culturais cuja devolução tem sido negada, apesar de sua origem estar vinculada a contextos de violência colonial.

2) Refletir sobre um roteiro que se repete historicamente e que ocorre, segundo Santos [2025], da seguinte forma: “Primeiro, a cultura negra é proibida e criminalizada; depois, quando sobrevive, é apropriada e “higienizada”; e, por fim, é transformada em entretenimento, estética ou mercadoria. Esse padrão se repetiu com o jongo, com o maracatu, com a capoeira, com o turbante, com as tranças, com o candomblé [...]”.

Reconhecemos que o debate sobre apropriação cultural tem circulado na mídia e nas redes sociais de forma, muitas vezes, superficial e esvaziada de sentido. Por isso, orientamos que, mesmo quando se conclui que o conceito não é relevante, é necessário conhecê-lo e compreender seus pressupostos. O que não podemos é desistir de educar. Não podemos silenciar. Não podemos repetir argumentos do senso comum. A esperança de humanização passa também pela disposição em questionar práticas naturalizadas, enfrentar o racismo em todas as suas dimensões e promover uma educação comprometida com a escuta, o reconhecimento histórico e o respeito aos povos que produzem saberes, culturas e modos de existência.

Questão para finalizar: Que cuidados são necessários para que a escola não reproduza processos de apropriação cultural ao abordar conteúdos relacionados às culturas negras e indígenas?



Outras sugestões para fazer pensar e aprofundar

Promova uma sessão de cinema para exibir o filme **Pecadores (2025)**. À primeira vista, a obra apresenta uma premissa aparentemente comum, mas suscita debates profundos sobre cultura, pertencimento e identidade. Atualmente, o filme está disponível na plataforma de streaming HBO Max.



Clique aqui e
acesse esse
material

Leia a reportagem **Os museus europeus e a apropriação das culturas dos colonizados: povos africanos exigem a devolução de suas riquezas culturais e objetos de arte**, que discute as disputas em torno da posse de artefatos africanos mantidos por museus europeus e as reivindicações por sua restituição.



Clique aqui e
acesse esse
material

Leia o post do historiador Thomas Conti sobre a história do conceito de apropriação cultural.



Clique aqui e
acesse esse
material

Assista ao vídeo da professora Dra. Cintia Santos, no canal Negritude em Letras, em que ela apresenta uma reflexão fundamentada sobre apropriação cultural a partir de uma polêmica envolvendo as falas de um professor de capoeira.



Clique aqui e
acesse esse
material

Referências

- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese [Doutorado em Psicologia] - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil [Período: 1957 - 2007]. 2008. Dissertação [Mestrado em Sociologia] - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.
- BOYES-WATSON, C.; PRANIS, K. **No Coração da Esperança**: guia de práticas circulares. Porto Alegre: Escola Superior da Magistratura da AJURIS, 2011.
- DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista**: sejamos antirracistas. São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- INSTITUTO AURORA PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS; NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS [IFPR – Campus Curitiba]. **Diálogos inter-raciais: guia para rodas de conversa**. São Paulo; Curitiba: Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos; NEABI – IFPR, 2024. ISBN 978-65-982829-1-2. E-book.
- LAURIANO, Viviane Basílio de Souza. **Os círculos de diálogos na construção de práticas educacionais antirracistas**. 2023. 199 f. Dissertação [Mestrado Profissional em Educação] — Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.
- LORAS, Alexandra; OLIVEIRA, Mauricio. **Vamos falar de racismo**. 1. ed. São Paulo:Matrix, 2021.
- MELO, William da Costa, SCHUCMAN, Lia Vainer. Mérito e mito da democracia racial: uma condição de (sobre)vivência da supremacia branca à brasileira. **Revista Espaço Acadêmico** – Edição Especial; ano XXI, FEV. 2022.
- MILLS, Charles W. Ignorância Branca. Tradução de Breno Ricardo Guimarães Santos. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 17, n. 1, p. 413-438, jun. 2018.
- MUNANGA, Kabengele. Trânsitos África-Brasil: entrevista. Revista Observatório Itaú Cultural, n. 21, São Paulo: **Itaú Cultural**, 2016/2017, p. 168–190.
- PRANIS, Kay. **Teoria e prática**: processos circulares de Construção da paz. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- RAMOS, Alberto Guerreiro [1995[1957]], **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- SAAD, Layla F. **Eu e a supremacia branca**: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- SANTOS, Cintia. **O que o caso do mestre de capoeira que não aceita alunos brancos revela?** YouTube, 13 dez. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkzup3uig7o>. acesso em: 24 jan. 2026
- SCHUCMAN, Lia Vainer; CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude**. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex [org.]. Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.

Agradecimentos



À Universidade Federal do Espírito Santo, agradecemos pelo espaço de formação, pesquisa e reflexão, que possibilitou a construção deste trabalho e reafirmou o compromisso institucional com uma educação engajada com a justiça social e com a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Agradecemos a Prof^a. Dra. Débora Cristina de Araujo e ao Prof. Dr. Aldieris Braz Amorim Caprini que formaram a banca examinadora, pelas leituras atentas, pelas contribuições teóricas e metodológicas e pelas provocações que qualificaram tanto a dissertação quanto este produto educacional.

Agradecemos à Secretaria da Educação do Espírito Santo (SEDU), à Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (GEACIQ) e à Comissão Permanente de Estudos Afro-brasileiros (CEAFRO) pela disponibilidade, pelo respeito ao trabalho de pesquisa e pela atenção às solicitações de informações, que contribuíram para o desenvolvimento da dissertação que culminou neste produto educacional.

Nosso agradecimento se estende à equipe técnica pedagógica responsável pelo conteúdo dos livros digitais da SEDU, materiais elaborados para a formação de professoras/es em ERER, aos quais este produto se soma: Anna Karoline da Silva Fernandes, Ana Paula Azevedo Moura Careta, Darlete Gomes Nascimento, Helmar Spamer, Jorge Vinicius Monteiro Vianna, Juliana Romano, Kelly Cristina Soares Lima, Luanne Lima Ferreira, Monique Santiago de Carvalho, Márcia Helena do Nascimento e Thiago Fernandes Madeira.



